

RESUMO

Este relato objetiva apresentar um recorte das experiências e reflexões vivenciadas como bolsista voluntária de extensão do Grupo de Estudos Educação e Relações Étnico-Raciais: saberes e práticas afro-brasileiras e quilombolas do Território do Sertão Produtivo da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) do Departamento de Educação (DEDC), Campus XII de Guanambi, com destaque para uma roda de conversa e uma live realizadas no ano 2021. O grupo de estudo foi criado em 2004, atualmente se encontra na terceira versão, o qual está vinculado à linha de pesquisa Currículo, Diversidade e Formação Docente do Núcleo de Estudos Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire/CNPQ da UNEB/DEDC/XII. O grupo conta também com pesquisadores do Campus VI de Caetitê, Campus XVII de Bom Jesus da Lapa, do Instituto Federal Baiano de Itapetinga-BA, professores da educação básica, estudantes de graduação e pós-graduação, pessoas dos movimentos sociais, especificamente quilombolas. As atividades extensionistas me proporcionaram aprendizagens e experiências acerca dos quilombos, currículo, identidade, diversidade, racismo, políticas de ações afirmativas e formação docente, as quais possibilitaram que os conceitos romantizados acerca das populações afro-brasileiras fossem desconstruídos, contribuindo significativamente com a minha formação humana e acadêmica.

Palavras-chave: Práticas Educativas. Relações Étnico-raciais. Reconhecimento. Quilombos. Experiência.

ABSTRACT

This report aims to present an excerpt of the experiences and reflections lived as a volunteer extension fellow of the Education and Ethnic-Racial Relations Study Group: Afro-Brazilian and quilombola knowledge and practices from the Productive Sertão (biome) Territory of the State University of Bahia (UNEB) of Department of Education (DEDC), Campus XII of Guanambi, highlighting a conversation wheel and a live held in the year 2021. The study group was created in 2004, it is currently in its third version, which is linked to the Curriculum, Diversity and Teacher Training research line of the Paulo Freire/CNPQ Research and Educational Extension Center of UNEB/DEDC/XII. The group also includes researchers from Campus VI of Caetitê, Campus XVII of Bom Jesus da Lapa, from the Bahia Federal Institute of Itapetinga Ba, basic education teachers, undergraduate and graduate students, people from social movements, specifically quilombolas.

Extension activities provided me with learning and experiences about quilombos, curriculum, identity, diversity, racism, affirmative action policies and teacher training, which made it possible for the romanticized concepts about Afro-Brazilian populations to be deconstructed, contributing significantly to my training human and academic.

Keywords: Educational Practices. Ethnic-Racial Relations. Recognition. Quilombos. Experience.

Submetido em: 26 de set. 2022

Aceito em: 04 de nov. 2022

EXPERIÊNCIAS ACERCA DOS SABERES E PRÁTICAS ÉTNICO-RACIAIS, AFRO-BRASILEIRAS E QUILOMBOLAS**EXPERIENCES ABOUT ETHNIC-RACIAL, AFRO-BRAZILIAN AND QUILOMBOLAS KNOWLEDGE AND PRACTICES**

Karine Benevides da Silva^{1,*} /
Dinalva de Jesus Santana Macêdo¹

INTRODUÇÃO

Este resumo tem como objetivo relatar algumas vivências formativas enquanto monitora voluntária de extensão do Grupo de Estudos Educação e Relações Étnico-Raciais: saberes e práticas afro-brasileiras e quilombolas do Território do Sertão Produtivo, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XII de Guanambi-BA. O projeto está vinculado à linha de pesquisa Currículo, Diversidade e Formação Docente do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire – NEPE. As atividades foram realizadas a partir dos objetivos específicos, tais como: estudar, discutir e refletir acerca das temáticas da educação escolar quilombola e relações étnico-raciais, currículo na educação básica e no ensino superior, específico nos cursos de Pedagogia, das universidades estaduais da Bahia (UESB e UNEB), diversidade cultural, as questões epistemológicas da educação, identidade, racismo e os estereótipos em relação aos negros, africanos e quilombolas.

¹Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Caetitê, Bahia – Brasil

*E-mail para correspondência: karine201640@outlook.com

As rodas de conversa transmitidas pela Plataforma Microsoft Teams e as lives por meio do canal do YouTube do referido grupo aconteceram no ano de 2021 de forma remota, em decorrência da COVID-19, possibilitando diálogos não só com os estudantes, estudiosos da área de educação quilombola do Território de Identidade do Sertão Produtivo, mas também com comunidades do Rio de Janeiro, Minas Gerais e com africanos de Angola. O público alvo contemplado compreende estudantes da graduação da Universidade do Estado da Bahia do Campus XII – Guanambi; Campus VI – Caetitê; Campus XVII – Bom Jesus da Lapa, Instituto Federal Baiano de Itapetinga-BA, estudantes da pós-graduação de outras universidades, docentes de outras instituições superiores, docentes da educação básica e movimentos sociais, especificamente pessoas de comunidades quilombolas.

A elaboração desta comunicação de vivências formativas acerca dos momentos experienciados no grupo de estudos, foi realizada a partir de estudos e de pesquisas de iniciação científica (IC), graduação, mestrado e doutorado apresentadas nas rodas de conversas e nas lives para destacar as informações essenciais sobre os saberes e práticas das relações étnico-raciais quilombolas e afro-brasileiras.

UM OLHAR SENSÍVEL SOBRE A EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO DO GRUPO DE ESTUDOS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

O contexto formativo para as discussões sobre as práticas e os saberes étnico-raciais afro-brasileiras e quilombolas propiciou informações e relatos de saberes e práticas desconhecidas atinentes às comunidades quilombolas do Território de Identidade do Sertão Produtivo e as reflexões produzidas no âmbito escolar e da academia, tendo em vista de desconstruir os estereótipos acerca das histórias que foram invisibilizadas e ou/subalternizadas pelo currículo e as práticas educativas, a exemplo das histórias, culturas e saberes das populações afro-brasileiras, quilombolas e indígenas. As atividades desenvolvidas oportunizaram debates, rodas de conversas, lives com pesquisadores que realizaram pesquisas dentro do quilombo, de escolas que atendem estudantes quilombolas, bem como pesquisas no curso de Pedagogia, no que tange o trato com a temática racial. Além de estudos sobre as legislações educacionais (Leis 10.639/03 e 11.645/08) que asseguram a obrigatoriedade da inclusão da cultura e da história afro-brasileira, bem como indígena nos currículos das escolas e conseqüentemente, nos cursos de formação das universidades.

Diante disso, é preciso reconhecer que as trajetórias de lutas dos sujeitos afrodescendentes e quilombolas foram marcadas por um movimento de reafirmação de culturas, práticas, saberes, estilos de vida, resistências e empoderamentos. Nesse percurso, o conceito da palavra quilombo de origem banto (língua africana) “kilombo”, sofreu diversas variações devido ao tempo e ao contexto histórico e social, sendo assim, compreender o conceito de quilombo no âmbito histórico e político é identificar como espaços de lutas e de afirmações de suas culturas e histórias.

Nesse processo de resistência os quilombolas lutam pelo reconhecimento de suas comunidades como remanescentes de quilombos, pela posse da terra, bem como por políticas públicas de educação, saúde, moradia, etc que possam garantir-lhes uma vida mais digna, sejam elas no âmbito nacional ou internacional, com destaque por uma educação diferenciada, como instrumento de fundamental importância para lutar contra os processos de marginalização de suas histórias e culturas (MACÊDO, 2015; SOUSA, 2020).

As lives e a rodas de conversa, dentre os objetivos tiveram como finalidade romper com os estereótipos acerca dos conhecimentos tradicionais, dos saberes e das práticas dos quilombolas e afro-brasileiros. Além do mais, as vivên-

cias possibilitaram-me enquanto futura pedagoga, conhecimentos sobre uma atuação pedagógica na perspectiva da educação transgressora e emancipatória, reconhecendo as práticas, culturas e saberes dos educandos e educadores, fazendo com que o contexto escolar atue com rupturas de práticas excludentes, para contemplarem as diferenças como condição de existência e reafirmação das identidades.

Na Live “ Memória, história e cotidiano da Comunidade Quilombola de Queimadas” que parte do estudo Santos (2017) fez apontamentos em relação às investigações de preservação dos pertencimentos étnicos entre as gerações de Queimadas localizada em Mutãs, distrito de Guanambi/BA no Território de Identidade do Sertão Produtivo. Nesta live foi discutido também, o processo de certificação dessa comunidade e o fortalecimento de pertencimento entre si como remanescentes de quilombos, como também a compreensão das relações familiares, das estruturas sociais, manifestações culturais e religiosas.

Dessa forma, a referida pesquisa apontou alguns elementos importantes, ao resgatar as memórias em relação à história: no processo de construção e organização das casas e sua transferência de materialidade de obra, foi possível perceber o compartilhamento dos quintais entre as famílias, conhecido como terreiro, assim convivendo até quatro gerações juntas. Por muito tempo se utilizava água de poço para o consumo, os animais e o cultivo das plantas.

Com os recursos do Governo Federal – Programa Água para Todos, construiu várias cisternas, tendo em vista amenizar os problemas relacionados a escassez de água, porém essa alternativa no período de longas secas não era tão eficaz, fazendo então o uso do abastecimento das cisternas por meio dos caminhões da prefeitura.

Outro elemento apontado pela pesquisa foi a negação da escola principalmente para as pessoas casadas que constituíram famílias. Muitos não puderam frequentar a escola por conta do cansaço excessivo, entre outras dificuldades, o primeiro acesso da comunidade à escolarização foi por meio do véi Paulo, que tinha entendimento em relação as primeiras letras, sem nenhum método de alfabetização e material de apoio. Em 1980 houve a construção de um prédio atendendo à população de forma multisseriada para apenas o primeiro grau, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da educação da época 5.692/71.

Através da pesquisa de Santos (2017) ao recorrer da memória e ancestralidade étnica, foi possível perceber a ressignificação da infância na comunidade, constatando uma infância protegida, criança com acesso e permanência à escola, sem a presença do trabalho infantil. É importante destacar ainda, que por meio do conhecimento do senso comum e as vivências comunitárias, as tradições culturais (a roda de samba, os bailes, as rezas, os ritmos) são passadas de gerações em gerações.

A roda de conversa intitulada: “ O lugar da Diversidade Cultural na Proposta Curricular do Município de Guanambi/BA”, pesquisa de mestrado de Figueredo (2021) que buscou analisar como a diversidade cultural é contemplada no currículo. Trata-se de um estudo qualitativo que teve como fonte de dados, o Plano Municipal de Educação, a Proposta Curricular e entrevistas semiestruturadas com cinco professoras do município. A partir da discussão e análise dos dados, evidenciou uma perspectiva liberal de diversidade cultural no currículo da Rede Municipal de Ensino, embora o debate sobre o reconhecimento da pluralidade cultural atravessam os textos. Nesse prisma, o currículo ainda está referenciado pela universalização e urbanização do conhecimento, que reproduz e intensificam as desigualdades sociais e culturais, especificamente dos grupos que foram historicamente marginalizados, como os negros, indígenas e quilombolas. As interlocutoras sinalizaram a falta de formação inicial e continuada voltada para a diversidade, o que dificulta o trabalho

pedagógico com as diferenças culturais e raciais. Diante desses desafios, reconhece a urgência da gestação de um currículo intercultural crítico que contemple a diversidade e as diferenças culturais.

Outro desafio apontado pela pesquisa de Figueredo (2021), é a formação inicial e continuada dos professores em relação às reflexões sobre a diversidade cultural brasileira, e o processo de inserção e interação dos povos étnicos e suas culturas e práticas no currículo e nas ações. É imprescindível um ambiente escolar mais empático, respaldado por uma perspectiva intercultural crítica de educação comprometida com a inserção de todos, independente das diferenças apresentadas. Compreende-se que, os elementos acima apresentados são de grande relevância para romper com as visões estereotipadas e preconceituosas dentro do convívio escolar, afinal a sociedade brasileira é formada a partir de diversas identidades, então não é possível ignorar e negar essa multiculturalidade de saberes, identidades e práticas.

Seguindo essa linha de pensamento e fazendo elo com os estudos de Macêdo (2015, p.105) reconhecemos que é necessário “questionar os currículos e repensar as práticas educativas e as relações que estabelecem com as comunidades e as lideranças locais, para que possam gestar propostas de educação escolar a partir da realidade sociocultural...”, ou seja, o currículo não deve ser homogêneo e excludente, mas estar em constante movimento, possibilitando fissuras para abarcar as identidades, trajetórias e memórias sem hierarquização de todos os atores sociais do processo educativo.

Portanto, percebe-se que tanto a roda de conversa quanto a live são de suma importância para a desconstrução de ideias postas de forma romantizadas, pois esses estudos trazem riquezas sobre práticas, saberes e culturais que são invisibilizados pela sociedade, e como o ambiente escolar tem sua relevância na transferência desses conhecimentos, práticas, saberes e culturas partindo do currículo.

PALAVRAS FINAIS

Os estudos, as lives e as rodas de conversas promovidas pelo grupo de estudos tiveram como finalidade proporcionar aos participantes a desconstrução de ideias coloniais e romantizadas das histórias ditas como verdadeiras em relação às populações que foram historicamente subalternizadas e invisibilizadas, a exemplo dos negros e quilombolas, além de questionar e refletir sobre os “currículos turísticos” e silenciadores da diversidade cultural, bem como as práticas educativas e os cursos de formação que reproduzem os conhecimentos universais e urbanos, desconsiderando as diversidades e diferenças culturais. Desse modo, a universidade assume um papel importantíssimo no processo formativo, de maneira a articular o ensino, a pesquisa e a extensão.

REFERÊNCIAS

FIGUEREDO, Marinete da Frota. **O currículo da rede municipal de ensino de Guanambi**: indagações acerca da diversidade cultural. F. 138, 2021. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Ba, 2021.

GRUPO DE ESTUDOS EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS. **Memória, história e cotidiano da Comunidade de Queimadas**. YouTube. 21 de set. de 2021. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=9-Vc5xeTcJA&t=523s> >. Acesso em: 21 de setembro de 2021.

MACÊDO, Dinalva de Jesus Santana. **Educação em Comunidades Quilombolas do Território de Identidade do Velho Chico/BA**: indagações acerca do diálogo entre as escolas e as comunidades locais. F. 217, 2015. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, 2015.

SANTOS, Jamille Pereira Pimentel. **As etnicidades gerecionais presentes na dinâmica do nascer, viver e morrer na comunidade quilombola Queimadas/BA**. F. 199, 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, 2017.

SOUSA, Rosemária Juazeiro Pinto de. **Educação Escolar e as implicações na construção da identidade étnico-racial dos estudantes quilombolas da região de Maniaçu – Caetité/BA**. F. 112, 2020. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2020.